

# Raízes na Migração

## Des-Re-Territorialização e Redes Sociais

Marcos Leandro Mondardo

Universidade Federal da Grande Dourados

### Índice

1. Resumo	1
2. A Partida: O Abandono do Território	2
3. Mobilidade, Territorialidade e Des-re-territorialização	2
4. A Chegada: A Recriação e a Reinvenção do Território	6
5. Referências	7

### 1. Resumo

Analizamos, aqui, o processo de des-re-territorialização em movimentos migratórios a partir de uma perspectiva teórica que busca problematizar a relação entre enraizamento e mobilidade espacial. Nesse sentido, evidenciamos o papel das redes de relações sociais para a des-territorialização (no lugar de saída) e para a re-territorialização (no lugar de destino) dos migrantes. Apon-tamos que a des-re-territorialização é um processo que participa dos movimentos migratórios (em graus variados) na medida em que o migrante se desloca no espaço, que muda de espaço e tempo, que se desenraíza pela alternância de suas relações sociais. Contudo, cada desenraizamento (a des-territorialização) tem sua dupla face, o reenraizamento (a re-territorialização), que con-

forma à dialética da mudança, do fazer-se e re-fazer-se em novo tempo e espaço.

**Palavras-chave:** migrações, des-re-territorialização, redes sociais.

#### **Resumen:**

Aquí analizamos el proceso de des-re-territorialización en la migración en una perspectiva teórica, que pretende, problematizar la relación entre la movilidad espacial en el enraizamiento. En este sentido, haciendo hincapié en el papel de las redes de relaciones sociales para la des-territorialización de (lugar de salida) y la re-territorialización (el lugar de destino) de los migrantes. Señalar que la des-re-territorialización es un proceso en participa de migración (en distintos grados) en la medida en que el migrante se mueve en el espacio, que los cambios de espacio y tiempo, que desarraigar la alternancia de sus relaciones sociales. Sin embargo, cada desarraigo (la des-territorialización) es de doble cara, la reenraizamiento (una re-territorialización), que se ajusta a la dialéctica del cambio, para llegar a ser y volver a hacerlo de nuevo en el tiempo y el espacio.

**Palabras clave:** migración, des-re-territorialización, redes sociales.

*O migrante parte de seu território,*

*pedaço querido de que tem que  
se desgarrar*

*e vai deixando pelo caminho  
fragmentos de sua vida,*

*de sua experiência anterior.*

*Na poeira da estrada que per-  
corre,*

*vai deixando detritos de sua  
alma,*

*de sua cultura, de sua  
memória.*

Durval Muniz de Albuquerque  
Júnior –

*A invenção do nordeste e out-  
ras artes*

## 2. A Partida: O Abandono do Território

Nosso intuito, no que se segue, consiste em estabelecer uma relação entre o processo de mobilidade espacial da população e sua inter-relação com o processo de des-territorialização e re-territorialização. Busca-se demonstrar a relação intrínseca entre mobilidade e desterritorialização, fundamentalmente, através de uma discussão teórico-metodológica desses processos.

Destacamos que um dos elementos fundamentais que interessa discutir são os fenômenos que envolvem migração e os indivíduos e/ou grupos sociais que se des-territorializam, como o ato de “abandonar

o território” no lugar de origem e a “re-criação do território” (mesmo que apenas relativamente funcional) no lugar de destino. Concebemos, desse modo, que des-territorialização e re-territorialização são processos inseparáveis para compreender a mobilidade espacial da população.

## 3. Mobilidade, Territorialidade e Des-re-territorialização

Deleuze & Guattari (1997), embora não ligando estes conceitos como são pensados na geografia, demonstram essa indissociabilidade do processo de des-territorialização e re-territorialização, afirmando que:

A desterritorialização (...) é inseparável de reterritorializações correlativas. É que a desterritorialização nunca é simples, mas sempre múltipla e composta: não apenas porque participa a um só tempo por *formas diversas*, mas porque faz *convergirem velocidades e movimentos* distintos, segundo os quais se assinala a tal ou qual *momento* um “desterritorializado” e um “desterritorializante” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 224, [grifos nossos]).

Haesbaert (2006, 127), afirma (influenciado talvez por Deleuze & Guattari) que, simplificada, podemos compreender a des-territorialização como o movimento pelo qual se abandona o território, “a operação da linha de fuga”, e a re-territorialização como o movimento de construção do território. Para o autor, “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos. *A escala*

*espacial e a temporalidade é que são distintas*” (p. 138, [grifos nossos]).

Nesse sentido, o território – e por ligação a desterritorialização – estaria impregnado, mais do que nunca, de diversas formas de mobilidade, sendo construídos, abandonados e destruídos pela e na mobilidade:

Fruto muitas vezes dessa visão de espaço – e, em consequência, do território – mais estática e quase a-temporal, o discurso da desterritorialização torna-se assim o discurso da(s) mobilidade(s), tanto da mobilidade material – onde destacamos a mobilidade de pessoas – quanto da mobilidade imaterial – especialmente aquela diretamente ligada aos fenômenos de compressão tempo-espaço, propagada pela informatização através do chamado ciberespaço. Tudo isto como se o território não incorporasse também a idéia de movimento, e como se hoje não pudéssemos encontrar a reterritorialização no interior da própria mobilidade (...) (HAESBAERT, 2006, p. 236).

Assim, a associação entre desterritorialização e migração, embora mais implícita do que explicitamente presente, é uma constante na literatura vigente. Entretanto, o autor questiona em que medida e sentido “podemos dizer que as migrações são também processos de desterritorialização?” (2006, p. 245).

Desde modo, para ele, a migração, num sentido estrito, em que a mobilidade ocorre muito mais como um meio em busca de satisfação através do consumo (fundamentalmente ligado às classes sociais dominantes, como por exemplo, pelos turistas em busca de “paisagens bonitas” pelo mundo), certa-

mente não poderá ser vista como um processo de “desterritorialização”. Precisamos, portanto, segundo Haesbaert (2005), em primeiro lugar, distinguir entre a desterritorialização das classes dominantes e a desterritorialização das classes subalternas, pois:

Desterritorialização, para os ricos, pode ser confundida com uma multiterritorialidade segura, mergulhada na flexibilidade e em experiências múltiplas de uma mobilidade “opcional” (a “topoligamia” ou o “casamento” com vários lugares (...)). Enquanto isto, para os mais pobres, a desterritorialização é uma multi ou, no limite, a-territorialidade insegura, em que a mobilidade é compulsória [quando lhes é dada como opção], resultado da total falta de (...) alternativas, de “flexibilidade”, em “experiências múltiplas” imprevisíveis em busca da simples sobrevivência física cotidiana (HAESBAERT, 2005b, p. 39)

Haesbaert (2006a, p. 246), considera que “a migração pode ser vista como um processo em diversos níveis de desterritorialização”, e que, deste modo, “há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios”. Deste modo:

Assim como os processos de desterritorialização podem ser multidimensionalmente caracterizados, o mesmo ocorre com as migrações, com a importante constatação de que também se trata de processos internamente diferenciados – por exemplo, a análise da desterritorialização depende do momento em que a trajetória do migrante está

sendo analisada. (...) Essa mesma multiplicidade de fatores que desencadeia os fluxos migratórios deve ser relacionada ao tipo ou ao nível de desterritorialização que está em jogo. Através da figura do migrante podemos, então, entender as diversas formas com que a desterritorialização é focalizada (...) (HAESBAERT, 2006a, p. 246).

Nos processos de des-territorialização na migração, o migrante carrega diferentes possibilidades em relação ao “controle” do “seu espaço”, ou seja, à sua reterritorialização, o que inclui também, é claro, o tipo de relação que ele continua mantendo com o “espaço de partida”, que se liga às *redes de relações sociais*, ou, “redes de solidariedade”. As interpretações para a explicação dos processos que perpassam a desterritorialização dos migrantes, podem, também, aliar e ser entendidas pelo papel desempenhado através/pelas *redes sociais*, aquelas que são tecidas no “mundo da vida”. Trata-se de relações de parentesco, de vizinhança, de amizade etc., nas quais os grupos interagem no seu cotidiano (RANDOLPH, 1999).

Haesbaert (2005) realiza, contudo, uma distinção em relação às redes sociais. Considera diferentes as relações estabelecidas através das redes regionais e das redes transnacionais, ligadas aos migrantes, e aos processos de desterritorializações. Assim, “as redes regionais se distinguem das redes transnacionais de migrantes em primeiro lugar pela escala – escala não somente no sentido físico, mas sobretudo sociopolítico”, isso influenciaria, “na medida em que as redes regionais de migração ocorrem no interior do Estado-nação e as redes de diásporas ocorrem entre estados diferentes” (p. 40).

Em relação, por exemplo, a uma migração interna, ou seja, que ocorreu no interior de um Estado-nação, podemos considerar que a “desterritorialização” pode ser muito relativa, fundamentalmente, para os migrantes da classe hegemônica, devido aos intensos laços econômicos, culturais (afetivos) e políticos que os indivíduos e/ou grupos mantêm com as áreas de onde migraram. Contudo, deve-se ressaltar que a mudança, por mais simples (nada simples) que seja de deslocamento, de um lugar para o outro, já acarreta, em algum nível, uma “desterritorialização”, especialmente, para as classes menos privilegiadas e hegemônicas da sociedade.

Também, ligada aos processos de desterritorialização, se liga a identidade, ou seja, grosso modo, ao sentimento de pertencer à determinada parcela do espaço, pois:

A força da identidade entre muitos grupos migrantes é um dos principais fatores responsáveis pela coesão mantida pelo grupo, mesmo longe de seu território de origem. Isto faz com que muitos, ao contrário do discurso corrente da desterritorialização, acabem se envolvendo em processos claros de reterritorialização, ou seja, de recomposição de seus territórios e outras bases, territórios estes recriados por meio do amálgama proporcionado pela força das redes mantidas no interior da dinâmica migratória (HAESBAERT, 2005b, p. 40).

Para esse autor, devemos considerar a desterritorialização do migrante como um processo altamente complexo e diferenciado, que aparece acoplada:

- A) às classes sociais e aos grupos culturais a que está referida;
- B) aos níveis de desvinculação com o território no sentido de:
- B1) presença de uma base física minimamente estável para a sobrevivência do grupo social, o que inclui seu acesso à infra-estrutura básica (redes de água, luz, esgoto e comunicações, por exemplo);
  - B2) acesso aos direitos básicos de cidadania, garantidos, ainda hoje, sobretudo no interior do território estatal-nacional onde o migrante esteja situado;
  - B3) referenciais espaciais que compõem uma identidade sociocultural (HAESBAERT, 2005b, p. 38).

Sendo a entidade “migrante” abstrata, pois comporta múltiplas somas das mais diversas condições socioespaciais e de identidades étnico-culturais, devemos definir, em primeiro lugar, qual movimento migratório estamos evidenciando, seu contexto histórico-geográfico, seus tempos e intensidades, seus indivíduos e/ou grupos envolvidos, suas relações econômicas-políticas-culturais, para buscarmos apreender, a partir desse pressuposto, a intensidade e as características ligadas ao processo de desterritorialização na migração.

Assim:

Podemos falar, então de um migrante “desterritorializado” no sentido cultural ou simbólico, na medida em que, destituído de seu lugar e de suas paisagens de origem, ele vê destituído também de valores símbolos, que ajudam na construção

de sua identidade. (...) O migrante pode ser visto, como um desterritorializado, no sentido da perda de uma “experiência total” ou “integrada” do espaço, fruto, sobretudo, dos processos de exclusão socioespacial que ele sofre (HAESBAERT, 2005b, p. 37).

Deste modo, as características do processo migratório, ligado à desterritorialização e à reterritorialização, podem ser sintetizadas em:

- Ao movimento de des-territorialização (no lugar de origem) corresponde um outro de re-territorialização (no lugar de destino);
- A re-territorialização do indivíduo e/ou grupo social se vincula ao sentimento de pertencimento (identidade territorial) a uma coletividade e/ou grupos (e estes a um espaço de referência), e de mediação das relações sociais;
- No processo de reterritorialização, as redes sociais desempenham importante papel no momento em que ocorre a sua reconstituição (re-significação de outro espaço), a fim de marcar uma “territorialidade” (mesmo que funcional), ou até mesmo, em certos casos, da (re)criação de uma identidade territorial.

Elemento importante a considerar, também, é que o migrante traz consigo sempre “marcas” das suas relações estabelecidas em outro espaço-tempo vivido, em outro território que “sempre está presente” na memória e que se liga às “geografias imaginárias”, como menciona Haesbaert:

É interessante perceber, contudo, que, ao mesmo tempo em que se manifesta como um dos elementos centrais do processo desterritorializador, é no campo simbólico ou das representações que o migrante pode melhor se “segurar” a fim de manter um mínimo da territorialidade perdida no decorrer do seu deslocamento espacial. Sobram sempre “geografias imaginárias” que, juntamente com outros elementos constituidores de sua cultura, podem ser revividos/rememorados, reconstituindo assim a identidade do migrante enquanto grupo. Claro que a identidade em seu sentido de origem, mas um amálgama, híbrido, em que a principal interferência é dada pela leitura que o “Outro” faz do indivíduo migrante (2005b, p. 40).

Neste contexto, o objetivo consiste em explorar a relação entre os processos de migração e des-re-territorialização, especialmente a partir da partida, do “abandono de território”, junto às “razões” que se explicam através das falas dos migrantes. Esses processos podem ser verificados e identificados quando migrantes entrevistados explicam os motivos pelos quais tiveram que sair (deixar) o lugar onde viviam. Aí a migração permite demonstrar e problematizar a desterritorialização (a perda do território) e a reterritorialização (a reconstrução do território).

#### **4. A Chegada: A Recriação e a Reinvenção do Território**

(...) *mudar de espaço – deslocar-se no espaço, que é sempre um espaço qualificado – é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um*

*“espaço nostálgico”, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade. O espaço não é, portanto, esse espaço abstrato, contínuo e homogêneo dos matemáticos, esse conjunto de lugares indiferentes e intercambiáveis entre os quais se pode ir e vir em espírito, e com toda a liberdade, como o postula a geometria. Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto.*

Abdelmalek Sayad –  
*O retorno*

A mobilidade implica a “perda do território”, implica as decisões relativas ao deslocamento, as situações de “deslocalização”, que implica *perdas* de amigos, de relações, de “lugares” etc. Por outro lado, entender o processo da migração e da desterritorialização, permite demonstrar e problematizar como se deram e se dão as relações de re-territorialização no novo lugar, no “território da chegada”, “da morada nova”, das novas relações, dos cheiros, gostos, ventos e sabores diferentes do novo lugar. Dos estranhamentos com moradores de “origem do território”, das diferencialidades, do encontro e do desencontro.

Assim, os processos de migração e des-re-territorialização se imbricam na análise, na tentativa de compreender as relações socioespaciais de deslocamento e dos *significados* da *mudança*, da mudança que sempre implica *nova mediação* (e novas relações) pelo e no espaço compreendendo, a produção/destruição/reconstrução de ter-

ritórios na mobilidade. Esse processo de des-re-territorialização é uma condição do ser e/imigrante, uma condição paradoxal, uma condição de “destruição” e de “re-construção”, reinvenção de territórios e de territorialidades na/da mobilidade espacial.

## 5. Referências

- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro, Editora 34, 1997.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- \_\_\_\_\_. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005a, pp. 6774- 6792.
- \_\_\_\_\_. *Migração e Desterritorialização*. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005b, pp. 35-46.
- MONDARDO, Marcos. *Os períodos das migrações: territórios e identidades em Francisco Beltrão/PR*. Dissertação de Mestrado. Dourados, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.
- RANDOLPH, Rainer. *Sociedade em rede: paraíso ou pesadelo?* Revista GEOgraphia – Ano 1, nº 2, Departamento de Geografia, Niterói, 1999.
- SAYAD, Abdelmalek (2000). O retorno : elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo : CEM, ano XIII, número especial, jan./2000.